



# Colégio Nunes Moraes

Dedicação e Compromisso

## ATIVIDADE DE REVISÃO ENEM - UECE - LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSOR (A)

TURMA

DATA

ALINE LANDIM

3ª SÉRIE EM

30.11.20

NOME DO ALUNO (A)

### INTENSIVO ENEM E UECE

**01.** (Uece 1996) É traço do Modernismo brasileiro:

- a) o conformismo temático e estilístico
- b) rigidez formal, principalmente na poesia
- c) apego a temas bíblicos e formas parnasianas
- d) liberdade de expressão no conteúdo e na forma

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Amor é fogo que arde sem se ver;  
é ferida que dói e não se sente;  
é um contentamento descontente;  
é dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;  
é solitário andar por entre a gente;  
é nunca contentar-se de contente;  
é cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;  
é servir a quem vence, o vencedor;  
é ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor  
nos corações humanos amizade,  
se tão contrário a si é o mesmo Amor?  
(Luís de Camões)

**02.** (Enem 1998) O poema tem, como característica, a figura de linguagem denominada antítese, relação de oposição de palavras ou ideias. Assinale a opção em que essa oposição se faz claramente presente.

- a) "Amor é fogo que arde sem se ver."
- b) "É um contentamento descontente."
- c) "É servir a quem vence, o vencedor."
- d) "Mas como causar pode seu favor."
- e) "Se tão contrário a si é o mesmo Amor?"

**03.** (Enem 1998) O poema pode ser considerado como um texto:

- a) argumentativo.
- b) narrativo.
- c) épico.
- d) de propaganda.
- e) teatral.

**04.** (Enem 1998) A discussão sobre gramática na classe está "quente". Será que os brasileiros sabem gramática? A professora de Português propõe para debate o seguinte texto:

#### PRA MIM BRINCAR

Não há nada mais gostoso do que o mim sujeito de verbo no infinito. Pra mim brincar. As cariocas que não sabem gramática falam assim. Todos os brasileiros deviam de querer falar como as cariocas que não sabem gramática.

- As palavras mais feias da língua portuguesa são quiçá, alhures e miúde.

(BANDEIRA, Manuel. *Seleção em prosa e verso*. Org: Emanuel de Moraes. 4ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986. Pág.19)

Com a orientação da professora e após o debate sobre o texto de Manuel Bandeira, os alunos chegaram à seguinte conclusão:

- a) Uma das propostas mais ousadas do Modernismo foi a busca da identidade do povo brasileiro e o registro, no texto literário, da diversidade das falas brasileiras.
- b) Apesar de os modernistas registrarem as falas regionais do Brasil, ainda foram preconceituosos em relação às cariocas.
- c) A tradição dos valores portugueses foi a pauta temática do movimento modernista.
- d) Manuel Bandeira e os modernistas brasileiros exaltaram em seus textos o primitivismo da nação brasileira.

e) Manuel Bandeira considera a diversidade dos falares brasileiros uma agressão à Língua Portuguesa.

**05.** (Enem 1998) Texto 1

Mulher, Irmã, escuta-me: não ames,  
Quando a teus pés um homem terno e curvo  
jurar amor, chorar pranto de sangue,  
Não creias, não, mulher: ele te engana!  
As lágrimas são gotas da mentira  
E o juramento manto da perfídia.

(Joaquim Manoel de Macedo)

Texto 2

Teresa, se algum sujeito bancar o  
sentimental em cima de você  
E te jurar uma paixão do tamanho de um  
bonde

Se ele chorar

Se ele ajoelhar

Se ele se rasgar todo

Não acredite não Teresa

É lágrima de cinema

É tapeação

Mentira

CAI FORA

(Manuel Bandeira)

Os autores, ao fazerem alusão às imagens da  
lágrima sugerem que:

a) há um tratamento idealizado da relação  
homem/mulher.

b) há um tratamento realista da relação  
homem/mulher.

c) a relação familiar é idealizada.

d) a mulher é superior ao homem.

e) a mulher é igual ao homem.

**06.** (Enem 1999) Quem não passou pela  
experiência de estar lendo um texto e  
defrontar-se com passagens já lidas em  
outros? Os textos conversam entre si em um  
diálogo constante. Esse fenômeno tem a  
denominação de intertextualidade. Leia os  
seguintes textos:

I. Quando nasci, um anjo torto

Desses que vivem na sombra

Disse: Vai Carlos! Ser "gauche" na vida

(*ANDRADE, Carlos Drummond de. Alguma  
Poesia. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964*)

II. Quando nasci veio um anjo safado

O chato dum querubim

E decretou que eu tava predestinado

A ser errado assim

Já de saída a minha estrada entortou

Mas vou até o fim.

(*BUARQUE, Chico. Letra e música. São  
Paulo: Cia das Letras, 1989*)

III. Quando nasci um anjo esbelto

Desses que tocam trombeta, anunciou:

Vai carregar bandeira.

Carga muito pesada pra mulher

Esta espécie ainda envergonhada.

(*PRADO, Adélia. Bagagem. Rio de Janeiro:  
Guanabara, 1986*)

Adélia Prado e Chico Buarque estabelecem  
intertextualidade, em relação a Carlos  
Drummond de Andrade, por

a) reiteração de imagens

b) oposição de ideias

c) falta de criatividade

d) negação dos versos

e) ausência de recursos

**07.** (Enem 1999) E considere a glória de um  
pavão ostentando o esplendor de suas cores;  
é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e  
descobri que aquelas cores todas não existem  
na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há  
são minúsculas bolhas d'água em que a luz se  
fragmenta, como em um prisma. O pavão é um  
arco-íris de plumas.

Eu considere que este é o luxo do grande  
artista, atingir o máximo de matizes com o  
mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu  
esplendor; seu grande mistério é a  
simplicidade.

Considere, por fim, que assim é o amor, oh!  
Minha amada; de tudo que ele suscita e  
esplende e estremece e delira em mim  
existem apenas meus olhos recebendo a luz

de teu olhar. Ele me cobre de glórias e me faz magnífico.

(BRAGA, Rubem. *Ai de ti, Copacabana*. 20ª ed.)

O poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu assim sobre a obra de Rubem Braga:

O que ele nos conta é o seu dia, o seu expediente de homem, apanhado no essencial, narrativa direta e econômica. (...) É o poeta do real, do palpável, que se vai diluindo em cisma. Dá o sentimento da realidade e o remédio para ela.

Em seu texto, Rubem Braga afirma que "este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com o mínimo de elementos". Afirmação semelhante pode ser encontrada no texto de Carlos Drummond de Andrade, quando, ao analisar a obra de Braga, diz que ela é

- a) uma narrativa direta e econômica.
- b) real, palpável.
- c) sentimento de realidade.
- d) seu expediente de homem.
- e) seu remédio.

**08.** (Enem 1999) Leia o que disse João Cabral de Melo Neto, poeta pernambucano, sobre a função de seus textos:

"FALO SOMENTE COMO O QUE FALO: a linguagem enxuta, contato denso; FALO SOMENTE DO QUE FALO: a vida seca, áspera e clara do sertão; FALO SOMENTE POR QUEM FALO: o homem sertanejo sobrevivendo na adversidade e na míngua. FALO SOMENTE PARA QUEM FALO: para os que precisam ser alertados para a situação da miséria no Nordeste."

Para João Cabral de Melo Neto, no texto literário,

- a) a linguagem do texto deve refletir o tema, e a fala do autor deve denunciar o fato social para determinados leitores.

b) a linguagem do texto não deve ter relação com o tema, e o autor deve ser imparcial para que seu texto seja lido.

c) o escritor deve saber separar a linguagem do tema e a perspectiva pessoal da perspectiva do leitor.

d) a linguagem pode ser separada do tema, e o escritor deve ser o delator do fato social para todos os leitores.

e) a linguagem está além do tema, e o fato social deve ser a proposta do escritor para convencer o leitor.

### **09.** (Enem 1999) **SONETO DE FIDELIDADE**

De tudo ao meu amor serei atento  
Antes e com tal zelo, e sempre, e tanto  
Que mesmo em face do maior encanto  
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento  
E em seu louvor hei de espalhar meu canto  
E rir meu riso e derramar meu pranto  
Ao seu pesar ou ao seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure  
Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
Quem sabe a solidão, fim de quem ama.

Eu possa me dizer do amor (que tive) :  
Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure.

(MORAES, Vinícius de. *ANTOLOGIA POÉTICA*. São Paulo: Cia das Letras, 1992)

A palavra **mesmo** pode assumir diferentes significados, de acordo com a sua função na frase. Assinale a alternativa em que o sentido de **mesmo** equivale ao que se verifica no 3º. verso da 1ª estrofe do poema de Vinícius de Moraes.

- a) "Pai, para onde fores, /irei também trilhando as **mesmas** ruas..." (augusto dos Anjos)
- b) "Agora, como outrora, há aqui o **mesmo** contraste da vida interior, que é modesta, com a exterior, que é ruidosa." (Machado de Assis)

c) "Havia o mal, profundo e persistente, para o qual o remédio não surtiu efeito, **mesmo** em doses variáveis." (Raimundo Faoro)

d) "Vamos de qualquer maneira, mas vamos **mesmo**." (Aurélio)

**10.** (Enem 2000) Ferreira Gullar, um dos grandes poetas brasileiros da atualidade, é autor de "Bicho urbano", poema sobre a sua relação com as pequenas e grandes cidades.

Bicho urbano

Se disser que prefiro morar em Pirapemas  
ou em outra qualquer pequena cidade do país  
estou mentindo  
ainda que lá se possa de manhã  
lavar o rosto no orvalho  
e o pão preserve aquele branco  
sabor de alvorada.

A natureza me assusta.  
Com seus matos sombrios suas águas  
suas aves que são como aparições  
me assusta quase tanto quanto  
esse abismo  
de gases e de estrelas  
aberto sob minha cabeça.

(GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991)

Embora não opte por viver numa pequena cidade, o poeta reconhece elementos de valor no cotidiano das pequenas comunidades. Para expressar a relação do homem com alguns desses elementos, ele recorre à sinestesia, construção de linguagem em que se mesclam impressões sensoriais diversas. Assinale a opção em que se observa esse recurso.

a) "e o pão preserve aquele branco / sabor de alvorada."

b) ainda que lá se possa de manhã / lavar o rosto no orvalho'

c) "A natureza me assusta. / Com seus matos sombrios suas águas"

d) "suas aves que são como aparições / me assusta quase tanto quanto"

e) "me assusta quase tanto quanto / esse abismo/ de gases e de estrelas"

**11.** (Enem 2000) "Precisa-se nacionais sem nacionalismo, (...) movido pelo presente mas estalando naquele cio racial que só as tradições maduram! (...). Precisa-se gentes com bastante meiguice no sentimento, bastante força na peitaria, bastante paciência no entusiasmo e sobretudo, oh! sobretudo bastante vergonha na cara!

(...) Enfim: precisa-se brasileiros! Assim está escrito no anúncio vistoso de cores desesperadas pintado sobre o corpo do nosso Brasil, camaradas."

(*Jornal "A Noite", São Paulo, 18/12/1925 apud LOPES, Telê Porto Ancona. Mário de Andrade: ramais e caminho São Paulo: Duas Cidades, 1972*)

No trecho acima, Mário de Andrade dá forma a um dos itens do ideário modernista, que é o de firmar a feição de uma língua mais autêntica, "brasileira", ao expressar-se numa variante de linguagem popular identificada pela(o):

a) escolha de palavras como cio, peitaria, vergonha.

b) emprego da pontuação.

c) repetição do adjetivo bastante.

d) concordância empregada em "assim está escrito."

e) escolha de construção do tipo "precisa-se gentes."

**12.** (Enem 2000) O texto abaixo foi extraído de uma crônica de Machado de Assis e refere-se ao trabalho de um escravo.

"Um dia começou a guerra do Paraguai e durou cinco anos, João repicava e dobrava, dobrava e repicava pelos mortos e pelas vitórias. Quando se decretou o ventre livre dos escravos, João é que repicou. Quando se fez a abolição completa, quem repicou foi João. Um dia proclamou-se a república. João repicou por ela, repicara pelo Império, se o Império retornasse."

(MACHADO, Assis de. *Crônica sobre a morte do escravo João, 1897*)

A leitura do texto permite afirmar que o sineiro João:

- a) por ser escravo tocava os sinos, às escondidas, quando ocorriam fatos ligados à Abolição.
- b) não poderia tocar os sinos pelo retorno do Império, visto que era escravo.
- c) tocou os sinos pela República, proclamada pelos abolicionistas que vieram libertá-lo.
- d) tocava os sinos quando ocorriam fatos marcantes porque era costume fazê-lo.
- e) tocou os sinos pelo retorno do Império, comemorando a volta da Princesa Isabel.

**13.** (Enem 2000) O uso do pronome átono no início das frases é destacado por um poeta e por um gramático nos textos a seguir.

### PRONOMINAIS

Dê-me um cigarro  
Diz a gramática  
Do professor e do aluno  
E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco  
da Nação Brasileira  
Dizem todos os dias  
Deixa disso camarada  
Me dá um cigarro

(ANDRADE, Oswald de. *Seleção de textos*. São Paulo: Nova Cultural, 1988)

"Iniciar a frase com pronome átono só é lícito na conversação familiar, despreocupada, ou na língua escrita quando se deseja reproduzir a fala dos personagens ( .. )."

(CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1980)

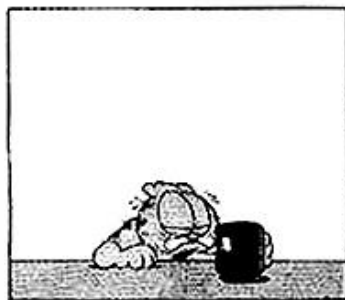
Comparando a explicação dada pelos autores sobre essa regra, pode-se afirmar que ambos:

- a) condenam essa regra gramatical.
- b) acreditam que apenas os esclarecidos sabem essa regra.

- c) criticam a presença de regras na gramática.
- d) afirmam que não há regras para uso de pronomes.
- e) relativizam essa regra gramatical.

**14.** (Enem 2001) OXÍMORO (ou PARADOXO) é uma construção textual que agrupa significados que se excluem mutuamente. Para Garfield, a frase de saudação de Jon (tirinha a seguir) expressa o maior de todos os oxímoros.

GARFIELD - Jim Davis



Folha de S. Paulo, 31 de julho de 2000.

Nas alternativas a seguir, estão transcritos versos retirados do poema "O operário em construção". Pode-se afirmar que ocorre um oxímoro em

- a) "Era ele que erguia casas  
Onde antes só havia chão."
- b) "... a casa que ele fazia  
Sendo a sua liberdade  
Era sua escravidão."
- c) "Naquela casa vazia  
Que ele mesmo levantara  
Um mundo novo nascia  
De que sequer suspeitava."
- d) "... o operário faz a coisa  
E a coisa faz o operário."
- e) "Ele, um humilde operário

Um operário que sabia

Exercer a profissão."

(MORAES, Vinícius de. *Antologia Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.)

15. (Enem 2002) Em 1958, a seleção brasileira foi campeã mundial pela primeira vez. O texto foi extraído da crônica "A alegria de ser brasileiro", do dramaturgo Nelson Rodrigues, publicada naquele ano pelo jornal "Última Hora".

"Agora, com a chegada da equipe imortal, as lágrimas rolam. Convenhamos que a seleção as merece.

Merece por tudo: não só pelo futebol, que foi o mais belo que os olhos mortais já contemplaram, como também pelo seu maravilhoso índice disciplinar. Até este Campeonato, o brasileiro julgava-se um cafajeste nato e hereditário. Olhava o inglês e tinha-lhe inveja. Achava o inglês o sujeito mais fino, mais sóbrio, de uma polidez e de uma cerimônia inenarráveis. E, súbito, há o Mundial. Todo mundo baixou o sarrafo no Brasil. Suecos, britânicos, alemães, franceses, checos, russos, davam botinadas em penca. Só o brasileiro se mantinha ferozmente dentro dos limites rígidos da esportividade. Então, se verificou o seguinte: o inglês, tal como o concebíamos, não existe. O único inglês que apareceu no Mundial foi o brasileiro. Por tantos motivos, vamos perder a vergonha (...), vamos sentar no meio-fio e chorar. Porque é uma alegria ser brasileiro, amigos".

Além de destacar a beleza do futebol brasileiro, Nelson Rodrigues quis dizer que o comportamento dos jogadores dentro do campo

a) foi prejudicial para a equipe e quase pôs a perder a conquista da copa do mundo.

b) mostrou que os brasileiros tinham as mesmas qualidades que admiravam nos europeus, principalmente nos ingleses.

c) ressaltou o sentimento de inferioridade dos jogadores brasileiros em relação aos

europeus, o que os impediu de revidar as agressões sofridas.

d) mostrou que o choro poderia aliviar o sentimento de que os europeus eram superiores aos brasileiros.

e) mostrou que os brasileiros eram iguais aos europeus, podendo comportar-se como eles, que não respeitavam os limites da esportividade.

16. (Enem 2002) Érico Veríssimo relata, em suas memórias, um episódio da adolescência que teve influência significativa em sua carreira de escritor.

"Lembro-me de que certa noite - eu teria uns quatorze anos, quando muito - encarregaram-me de segurar uma lâmpada elétrica à cabeceira da mesa de operações, enquanto um médico fazia os primeiros curativos num pobre-diabo que soldados da Polícia Municipal haviam "carneado". (...) Apesar do horror e da náusea, continuei firme onde estava, talvez pensando assim: se esse caboclo pode aguentar tudo isso sem gemer, por que não hei de poder ficar segurando esta lâmpada para ajudar o doutor a costurar esses talhos e salvar essa vida? (...)

Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tem-me animado até hoje a ideia de que o menos que o escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto."

(VERÍSSIMO, Érico. *Solo de Clarineta*. Tomo I. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.)

Neste texto, por meio da metáfora da lâmpada que ilumina a escuridão, Érico Veríssimo define como uma das funções do escritor e,

por extensão, da literatura,

- a) criar a fantasia.
- b) permitir o sonho.
- c) denunciar o real.
- d) criar o belo.
- e) fugir da náusea.

17. (Enem 2002)

Miguilim

"De repente lá vinha um homem a cavalo. Eram dois. Um senhor de fora, o claro de roupa. Miguilim saudou, pedindo a bênção. O homem trouxe o cavalo cá bem junto. Ele era de óculos, corado, alto, com um chapéu diferente, mesmo.

- Deus te abençoe, pequenino. Como é teu nome?

- Miguilim. Eu sou irmão do Dito.

- E o seu irmão Dito é o dono daqui?

- Não, meu senhor. O Ditinho está em glória.

O homem esbarrava o avanço do cavalo, que era zelado, manteúdo, formoso como nenhum outro.

Redizia:

- Ah, não sabia, não. Deus o tenha em sua guarda... Mas que é que há, Miguilim?

Miguilim queria ver se o homem estava mesmo sorrindo para ele, por isso é que o encarava.

- Por que você aperta os olhos assim? Você não é limpo de vista? Vamos até lá. Quem é que está em tua casa?

- É Mãe, e os meninos...

Estava Mãe, estava tio Terez, estavam todos. O senhor alto e claro se apeou. O outro, que vinha com ele, era um camarada. O senhor perguntava à Mãe muitas coisas do Miguilim. Depois perguntava a ele mesmo: - 'Miguilim, espia daí: quantos dedos da minha mão você está enxergando? E agora?'

(ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.)

Esta história, com narrador observador em terceira pessoa, apresenta os acontecimentos da perspectiva de Miguilim. O fato de o ponto de vista do narrador ter Miguilim como referência, inclusive espacial, fica explicitado em:

- a) "O homem trouxe o cavalo cá bem junto."

b) "Ele era de óculos, corado, alto (...)"

c) "O homem esbarrava o avanço do cavalo, (...)"

d) "Miguilim queria ver se o homem estava mesmo sorrindo para ele, (...)"

e) "Estava Mãe, estava tio Terez, estavam todos"

18. (Enem 2003) Pequenos tormentos da vida

De cada lado da sala de aula, pelas janelas altas, o

azul convida os meninos,

as nuvens desenrolam-se, lentas como quem vai

inventando

preguiçosamente uma história sem fim...

Sem fim é a aula: e nada acontece,

nada... Bocejos e moscas. Se, ao menos, pensa

Margarida, se ao menos um

avião entrasse por uma janela e saísse por outra!

(Mário Quintana, *Poesias*)

Na cena retratada no texto, o sentimento do tédio:

a) provoca que os meninos fiquem contando histórias.

b) leva os alunos a simularem bocejos, em protesto contra a monotonia da aula.

c) acaba estimulando a fantasia, criando a expectativa de algum imprevisto mágico.

d) prevalece de modo absoluto, impedindo até mesmo a distração ou o exercício do pensamento.

e) decorre da morosidade da aula, em contraste com o movimento acelerado das nuvens e das moscas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia estes poemas.

Texto 1 - AUTO-RETRATO

Provinciano que nunca soube  
Escolher bem uma gravata;  
Pernambucano a quem repugna  
A faca do pernambucano;  
Poeta ruim que na arte da prosa

Envelheceu na infância da arte,  
E até mesmo escrevendo crônicas  
Ficou cronista de província;  
Arquiteto falhado, músico  
Falhado (engoliu um dia  
Um piano, mas o teclado  
Ficou de fora); sem família,  
Religião ou filosofia;  
Mal tendo a inquietação de espírito  
Que vem do sobrenatural,  
E em matéria de profissão  
Um tísico\* profissional.

(Manuel Bandeira. *Poesia completa e prosa*.  
Rio de Janeiro: Aguilar, 1983. p. 395.)

(\*) tísico = tuberculoso

## Texto 2 - POEMA DE SETE FACES

Quando eu nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens  
que correm atrás de mulheres.  
A tarde talvez fosse azul,  
não houvesse tantos desejos.  
(...)  
Meu Deus, por que me abandonaste  
se sabias que eu não era Deus  
se sabias que eu era fraco.  
Mundo mundo vasto mundo,  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.  
Mundo mundo vasto mundo  
mais vasto é o meu coração.

(Carlos Drummond de Andrade. *Obra completa*.  
Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. p. 53.)

**19.** (Enem 2005) Esses poemas têm em comum o fato de

- descreverem aspectos físicos dos próprios autores.
- refletirem um sentimento pessimista.
- terem a doença como tema.
- narrarem a vida dos autores desde o nascimento.
- defenderem crenças religiosas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

## Mulher proletária

Jorge de Lima

Mulher proletária — única fábrica  
que o operário tem, (fabrica filhos)  
tu  
na tua superprodução de máquina humana  
forneces anjos para o Senhor Jesus,  
<sup>1</sup>forneces braços para o senhor burguês.  
Mulher proletária,  
o operário, teu proprietário  
há de ver, há de ver:  
a tua produção,  
a tua superprodução,  
ao contrário das máquinas burguesas,  
salvar o teu proprietário.

LIMA Jorge de. *Obra Completa (org. Afrânio  
Coutinho)*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.

**20.** (Uece 2019) Leia o que se afirma a seguir sobre a voz poética presente nos versos do poema *Mulher Proletária*:

- O enunciador do poema apresenta a mulher proletária como um ser subjugado aos ditames da burguesia industrializada.
  - No poema, a mulher trabalhadora é reificada, sendo vista, assim, não como mãe ou esposa, mas como máquina presa à lógica de produção do sistema burguês capitalista.
  - Há uma voz no poema que denuncia a depreciação da mulher no mundo do trabalho como pessoa humana, em favor da necessidade de superprodução mercantil, sustentadora das desigualdades sociais.
  - Vê-se, no poema, a emergência de uma voz alinhada com a visão de orientação marxista que defende que a sociedade capitalista se ergue na malbaratada oferta de mão de obra do trabalhador para a indústria mercantil.
- Está correto o que se diz em
- I, II, III e IV.
  - I, II e III apenas.
  - I, II e IV apenas.
  - III e IV apenas.

**21.** (Enem 2018) Aconteceu mais de uma vez: ele me abandonou. Como todos os outros. O quinto. A gente já estava junto há mais de um



ano. Parecia que dessa vez seria para sempre. Mas não: ele desapareceu de repente, sem deixar rastro. Quando me dei conta, fiquei horas ligando sem parar – mas só chamava, chamava, e ninguém atendia. E então fiz o que precisava ser feito: bloqueei a linha.

A verdade é que nenhum telefone celular me suporta. Já tentei de todas as marcas e operadoras, apenas para descobrir que eles são todos iguais: na primeira oportunidade, dão no pé. Esse último aproveitou que eu estava distraído e não desceu do táxi junto comigo. Ou será que ele já tinha pulado do meu bolso no momento em que eu embarcava no táxi? Tomara que sim. Depois de fazer o que me fez, quero mais é que ele tenha ido parar na sarjeta. [...] Se ainda fossem embora do jeito que chegaram, tudo bem. [...] Mas já sei o que vou fazer. No caminho da loja de celulares, vou passar numa papelaria. Pensando bem, nenhuma das minhas agendinhas de papel jamais me abandonou.

*FREIRE, R. Começar de novo. O Estado de S. Paulo, 24 nov. 2006.*

Nesse fragmento, a fim de atrair a atenção do leitor e de estabelecer um fio condutor de sentido, o autor utiliza-se de

- a) primeira pessoa do singular para imprimir subjetividade ao relato de mais uma desilusão amorosa.
- b) ironia para tratar da relação com os celulares na era de produtos altamente descartáveis.
- c) frases feitas na apresentação de situações amorosas estereotipadas para construir a ambientação do texto.
- d) quebra de expectativa como estratégia argumentativa para ocultar informações.
- e) verbos no tempo pretérito para enfatizar uma aproximação com os fatos abordados ao longo do texto.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

### **Não se zanguem**

A cartomancia entrou decididamente na vida nacional.

Os anúncios dos jornais todos os dias

proclamam aos quatro ventos as virtudes miríficas das <sup>1</sup>pitonisas.

Não tenho absolutamente <sup>2</sup>nenhuma ojeriza pelas adivinhas; acho até que são bastante úteis, pois mantêm e sustentam no nosso espírito essa coisa que é mais necessária à nossa vida que o próprio pão: a ilusão.

Noto, porém, que no arraial <sup>3</sup>dessa gente que lida com o destino, reina a discórdia, tal e qual no campo de Agramante.

A política, que sempre foi a inspiradora de azedas polêmicas, deixou um instante de sê-lo e passou a vara à cartomancia.

<sup>4</sup>Dois senhoras, ambas ultravidentes, extralúcidas e não sei que mais, aborreceram-se e anda uma delas a dizer da outra cobras e lagartos.

Como se pode compreender que <sup>5</sup>duas sacerdotisas do invisível não se entendam e deem ao público esse espetáculo de brigas tão pouco próprio a quem recebeu dos altos poderes celestiais virtudes excepcionais?

A posse de tais virtudes devia dar-lhes uma mansuetude, uma tolerância, um abandono dos interesses terrestres, de forma a impedir que o azedume fosse logo abafado nas suas almas extraordinárias e não rebentasse em disputas quase sangrentas.

Uma cisão, uma cisma nessa velha religião de adivinhar o futuro, é fato por demais grave e pode ter consequências desastrosas.

Suponham que F. tenta saber da cartomante X se coisa essencial à sua vida vai dar-se e a cartomante, que é dissidente da ortodoxia, por pirraça diz que não.

O pobre homem aborrece-se, vai para casa de mau humor e é capaz de suicidar-se.

O melhor, para o interesse dessa nossa pobre humanidade, sempre necessitada de ilusões, venham de onde vier, é que as nossas cartomantes vivam em paz e se entendam para nos ditar bons horóscopos.

*(BARRETO, Lima. Vida urbana: artigos e crônicas. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.)*

22. (Uece 2018) A referenciação textual pode ser definida como a retomada de termos e ideias que garantem a coesão e a progressão de sentido do texto por meio de elementos linguísticos. Um exemplo desse procedimento, ao longo da crônica de Lima Barreto, se dá com o uso do termo “cartomantes”, que é retomado por alguns referentes textuais, estabelecendo diferentes sentidos com estes referentes. Atente ao que se diz a seguir a respeito disso:

I. Ao substituir “cartomantes” pelo termo “pitonisas” (referência 1), o autor pretende mostrar que o trabalho da cartomancia tem uma longa tradição histórica.

II. Ao afirmar, no terceiro parágrafo, que não tem “nenhuma ojeriza pelas adivinhas” (referência 3), o autor recupera cartomantes pelo termo adivinhas, justificando que a prática de adivinhar o futuro cumpre sua função útil e necessária no cotidiano das pessoas, que é a função de iludir.

III. Ao se referir às “cartomantes” pela expressão “dessa gente que lida com o destino” (referência 3), o autor se apresenta numa relação afetuosa de muita proximidade com as cartomantes.

IV. Ao empregar o referente “duas sacerdotisas do invisível” (referência 5) para fazer alusão às “duas senhoras” (cartomantes) (referência 4), o autor procura salientar, ironicamente, a dimensão religiosa do ofício profético da cartomancia.

Está correto o que se afirma em

- a) I, II, III e IV.                      b) I, II e IV somente.  
c) I, III e IV somente.                d) I, e III somente.

23. (Uece 2018) A crônica *Não se zanguem* serve para mostrar muitas características que podem ser encontradas na literatura de Lima Barreto de forma geral. Assinale a opção que NÃO condiz com essas características.

a) Há presente, na prosa literária de Lima Barreto, uma galeria de fatos e personagens que ilustra bem o panorama dos primeiros vinte anos do século XX carioca, apresentando

a cidade do Rio de Janeiro com seus problemas e sua disparidade cultural, econômica e política.

b) As obras do autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* estão pautadas em temáticas socialmente engajadas, que denunciam mazelas e criticam assuntos do cotidiano.

c) O teor satírico e humorístico está presente fortemente nos escritos literários de Lima Barreto.

d) Como escritor vinculado ao chamado Pré-Modernismo, Lima Barreto apresentou-nos uma prosa em linguajar excessivamente formal.

24. (Uece 2018) Observando com atenção a linguagem empregada na crônica de Lima Barreto, é correto afirmar que ela revela fundamentalmente

a) o uso da ironia como um recurso discursivo para satirizar o ofício da cartomancia.

b) o uso de expressões e termos linguísticos próprios do registro formal culto da escrita da língua para se adequar ao gênero crônica.

c) o emprego de um léxico arcaico para mostrar o caráter pomposo do estilo do autor.

d) a utilização de conselhos e admoestações para resolver problemas cotidianos, como as brigas entre cartomantes.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

**Retrato do artista quando coisa**

<sup>1</sup>A maior riqueza do homem é sua incompletude.

Nesse ponto sou abastado.

<sup>2</sup>Palavras que me aceitam como sou

— eu não aceito.

<sup>3</sup>Não aguento ser apenas

um sujeito que abre

portas, que puxa

válvulas, que olha o

relógio, que compra pão

às 6 da tarde, que vai

lá fora, que aponta lápis,

que vê a uva etc. etc.

Perdoai. <sup>4</sup>Mas eu preciso ser Outros.

<sup>5</sup>Eu penso renovar o homem usando borboletas.

*BARROS, Manoel. O retrato do Artista Quando Coisa. Rio de Janeiro: Record, 1998.*

**25.** (Uece 2018) Levando em conta as relações de sentido presentes no texto de Manoel de Barros acima, é correto afirmar que o conteúdo temático geral do poema se estabelece na seguinte oposição semântica:

- a) humanização versus coisificação.
- b) riqueza versus pobreza.
- c) ação versus inércia.
- d) grandeza versus pequenez.

**26.** (Uece 2018) No poema de Manoel de Barros, é descrita a seguinte sequência de atividades cotidianas com as quais o enunciador não deseja construir sua identidade:

“Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva, etc. etc.” (referência 3).

Observe o que se diz a respeito disso.

- I. Há uma gradação da ação mais importante para a menos importante.
- II. As ações são descritas aleatoriamente, sem seguir uma linearidade lógica previamente explicitada.
- III. O enunciador lista atividades recorrentes do seu cotidiano que, isoladas, não constroem sua identidade.
- IV. A lista de ações poderia ainda ser estendida.

É correto o que se afirma somente em

- a) I.
- b) I, II e IV.
- c) II, III e IV.
- d) III.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

## Envelhecer

Arnaldo Antunes

<sup>1</sup>A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer

A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer  
Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer  
Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer

Não quero morrer pois quero ver  
Como será que deve ser envelhecer  
Eu quero é viver pra ver qual é  
E dizer venha pra o que vai acontecer

<sup>2</sup>Eu quero que o tapete voe  
No meio da sala de estar

<sup>3</sup>Eu quero que a panela de pressão pressione  
E que a pia comece a pingar

<sup>4</sup>Eu quero que a sirene soe  
E me faça levantar do sofá

<sup>5</sup>Eu quero pôr Rita Pavone  
No ringtone do meu celular

<sup>6</sup>Eu quero estar no meio do ciclone  
Pra poder aproveitar  
E quando eu esquecer meu próprio nome  
Que me chamem de velho gagá

<sup>7</sup>Pois ser eternamente adolescente nada é mais démodé

Com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não para de crescer

Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender  
Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr

*Disponível em*

*<https://www.vagalume.com.br/arnaldoantunes/envelhecer.html>. Acesso: 22/9/17.*

**27.** (Uece 2018) O autor do texto *Envelhecer* tem o propósito de

- a) mostrar que a velhice pode ser um período cheio de vivacidade no qual não é preciso se submeter às imposições físicas da idade.
- b) ressaltar que, na velhice, as pessoas ficam mais preguiçosas e, por isso mesmo, têm que

se manter sempre estimuladas à prática de exercícios domésticos.

c) destacar que, ao chegarem à velhice, as pessoas temem a morte.

d) sugerir que a velhice torna as pessoas mais sábias e mais experientes.

**28.** (Uece 2018) Os versos da canção “A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer (referência 1); “Eu quero pôr Rita Pavone no ringtone do meu celular” (referência 5); “Pois ser eternamente adolescente nada é mais démodé” (referência 7) têm em comum

a) a presença de definições sobre o que é envelhecer.

b) a utilização de termos e ideias que ressaltam a relação entre o antigo e o novo.

c) o emprego de noções que negam a velhice e afirmam a juventude.

d) o uso de estrangeirismos como forma de mostrar um vocabulário arcaico próprio de pessoas idosas.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

### Velhice

Vinícius de Moraes

<sup>1</sup>Virá o dia em que eu hei de ser um velho experiente

Olhando as coisas através de uma filosofia sensata

E lendo os clássicos com a afeição que a minha mocidade não permite.

Nesse dia Deus talvez tenha entrado definitivamente em meu espírito

Ou talvez tenha saído definitivamente dele

Então todos os meus atos serão

encaminhados no sentido do túmulo

E todas as ideias autobiográficas da

mocidade terão desaparecido:

Ficará talvez somente a ideia do testamento bem escrito.

Serei um velho, não terei mocidade, nem sexo, nem vida

Só terei uma experiência extraordinária.

Fecharei minha alma a todos e a tudo

Passará por mim muito longe o ruído da vida

e do mundo

Só o ruído do coração doente me avisará de uns restos de vida em mim.

Nem o cigarro da mocidade restará.

Será um cigarro forte que satisfará os pulmões viciados

E que dará a tudo um ar saturado de velhice.

Não escreverei mais a lápis

E só usarei pergaminhos compridos.

Terei um casaco de alpaca que me fechará os olhos.

Serei um corpo sem mocidade, inútil, vazio

Cheio de irritação para com a vida

Cheio de irritação para comigo mesmo.

O eterno velho que nada é, nada vale, nada vive

O velho cujo único valor é ser o cadáver de uma mocidade criadora.

MORAES, Vinícius. *Velhice*. Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/ptbr/poesia/poesias-avulsas/velhice>. Acesso: 23/9/17.

**29.** (Uece 2018) Vários aspectos do poema *Velhice*, de Vinícius de Moraes, manifestam valores estéticos afirmados na poesia do Modernismo da década de 1930 com a qual o autor estava ligado, com exceção da

a) adoção do verso livre (sem métrica) e do verso branco (sem rima).

b) ampliação do campo temático, que contempla, dentre outras coisas, aspectos das inquietações religiosas.

c) escolha de temas pautados na cultura e na identidade nacional.

d) ênfase a temas como o sensualismo erótico, o amor e os prazeres da carne.

**30.** (Uece 2018) Pela leitura atenta do poema *Velhice*, depreende-se que o autor, ao tratar do tema da velhice, constrói o seu texto com um tom

a) melancólico.      b) esperançoso.

c) alegre.              d) irônico.